

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA MUNDURUKU ATRAVÉS DOS CÂNTICOS: UMA POSSÍVEL METODOLOGIA PARA O FORTALECIMENTO LINGUÍSTICO E CULTURAL

*Teaching the maternal language Munduruku through songs:
a possible methodology for linguistic and cultural
strengthening*

*Enseñar el lenguaje materno Munduruku a través de las
canciones: una posible metodología para el fortalecimiento
lingüístico y cultural*

Jones de Adenilson Manhuari Crixí
Mestrando do Programa de Pós Graduação
Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino e
Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.
E-mail: jonesmanhuari2@gmail.com

Luzia Aparecida Oliva
Professora Doutora do PPGEII - Programa de
Pós Graduação *Stricto Mestrado* Profissional em
Ensino e Contexto Indígena Intercultural -
UNEMAT.
E-mail: luoliva@unemat.br

Como citar este artigo:

CRIXI, Jones de Adenilson Manhuari & OLIVA, Luzia Aparecida. Empréstimo linguístico no povo munduruku de Mato Grosso. Contribuição e variação linguística do português na língua Munduruku In **Revista de Comunicação Científica** – RCC, Jan./Maio, Vol. I, n. 7, pgs. 124-132, 2021. ISSN 2525-670X.

Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 7 (2021)
ISSN 2525-670X

O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA MUNDURUKU ATRAVÉS DOS CÂNTICOS: UMA POSSÍVEL METODOLOGIA PARA O FORTALECIMENTO LINGUÍSTICO E CULTURAL

Teaching the maternal language Munduruku through songs: a possible methodology for linguistic and cultural strengthening

Enseñar el lenguaje materno Munduruku a través de las canciones: una posible metodología para el fortalecimiento lingüístico y cultural

Resumo

Este texto visa enfatizar a valorização do ensino da língua materna Munduruku, tendo como enfoque os cânticos tradicionais. Acredita-se que seja uma possibilidade de ensino e aprendizagem para o fortalecimento da língua materna escrita e da oralidade. A marca que a história deixou de extermínio, perseguição, trabalho forçado, exploração e diversos tipos de violência praticados contra indígenas, gerou, entre os grupos sobreviventes, estratégias, organizadas ou não, de permanência e perpetuação. Essas seriam operacionalizadas por meio do silenciamento, da negociação, da fuga ou da rebelião, a depender do momento histórico e do contexto em questão.

Palavras-chave: Língua materna, Povo Munduruku, Cânticos tradicionais.

Abstract

This text aims to emphasize the importance of teaching the mother tongue Munduruku, focusing on traditional songs. It is believed that it is a possibility of teaching and learning to strengthen the written mother tongue and orality. The mark that history left behind extermination, persecution, forced labor, exploitation and various types of violence against indigenous people, generated, among the surviving groups, strategies, organized or not, for permanence and perpetuation. These would be operationalized through silencing, negotiation, flight or rebellion, depending on the historical moment and the context in question.

Keywords: Mother tongue, Munduruku people, Traditional songs.

Resumem

Este texto tiene como objetivo enfatizar la importancia de enseñar la lengua materna Munduruku, centrándose en las canciones tradicionales. Se cree que es una posibilidad de enseñanza y aprendizaje para fortalecer la lengua materna escrita y la oralidad. La huella que dejó la historia del exterminio, la persecución, el trabajo forzoso, la explotación y diversas formas de violencia contra los indígenas, generó, entre los grupos sobrevivientes, estrategias, organizadas o no, de permanencia y perpetuación. Estos serían operacionalizados mediante el silenciamiento, la negociación, la huida o la rebelión, según el momento histórico y el contexto en cuestión.

Palabras clave: Lengua materna, Pueblo Munduruku, Canciones tradicionales.

Jones de Adenilson Manhuari Crixí, Luzia Aparecida Oliva



Introdução

O povo Munduruku tem como língua materna o Monjoroko, do tronco tupi. Historicamente, o povo Munduruku habitava a região do baixo, médio e alto Tapajós, região conhecida por Mundurucania, que vai do estado do Pará ao Amazonas.

Faz parte do histórico desse povo o contato com o não indígena, seja por frentes religiosas e seringueiros, o que provocou algumas mudanças nos costumes e na língua materna, pois o aprendizado da língua portuguesa enfraqueceu a língua materna.

A cultura e as adaptações resultantes das relações interétnicas moldaram, ao longo dos séculos, entre os diferentes povos indígenas sobreviventes nessas áreas de colonização, antigas tradições políticas de resistência indígena que são resgatadas, atualizadas, ressignificadas e operacionalizadas a cada ameaça que se coloca para essas populações.

Percebe-se que somos nós, indígenas, que precisamos lutar para fortalecer a tradição. A política brasileira vem a cada ano ameaçando a vida das populações indígenas, por isso busca-se neste movimento de luta o bem viver, preservar as raízes ancestrais e a língua materna com objetivo de preservá-las. Há cinco séculos de experiência em resistência e os povos continuarão resistindo pelo direito de continuar sendo o que são com identidade preservada.

Os Munduruku que moram no Pará e Amazonas, por estarem em grandes grupos, mantêm costumes e língua materna com mais propriedade, enquanto o grupo que vive em Mato Grosso na Terra Indígena Apiaká/Kayabi necessita de um trabalho consistente e contínuo para o seu fortalecimento linguístico originário.

Por esses motivos apontados, propõe-se uma pesquisa por meio dos cânticos tradicionais com o objetivo de fortalecer a língua materna, além de promover a escrita e a oralidade por meio de atividades pedagógicas na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Kixi Barompô, localizada na aldeia Nova Munduruku.

2 Fortalecimento da língua materna através dos cânticos tradicionais

No Brasil, as políticas públicas nas últimas décadas do século XX, defenderam a inclusão de temáticas indígenas nas universidades públicas, enfatizando a educação escolar indígena nas aldeias, a formação de professores e a valorização dos saberes tradicionais como estratégia de fortalecimento e revitalização da língua materna.

O estado passa a assumir como interesse público a preservação das línguas e culturas indígenas, do mesmo modo que faz com os parques nacionais e o patrimônio histórico. Passa a ser reconhecida a importância do uso das línguas maternas de qualquer povo na educação escolar como melhor meio para alfabetização. Os discursos presentes nos documentos oficiais é o de que,

Essa proposta da escola indígena diferenciada representa uma grande novidade no sistema educacional do país, estabelecendo nas instituições e órgãos responsáveis definir de novas dinâmicas, concepções e mecanismos, “tanto para que essas escolas sejam de fato incorporadas e beneficiadas por sua inclusão no sistema, quanto respeitadas em suas particularidades.” (BRASIL, 1998, p.34).

Conforme o Artigo 78 da LDBEN – Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96, o Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais são responsáveis por estimular à cultura e assistência aos índios, desenvolver programas integrados de ensino e pesquisa, para proporcionar a educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas com o intuito de:

1º, fortalecer as práticas socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena; 2º, manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas; 3º, desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas 7 comunidades; e 4º, elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado. (BRASIL, 1998, p.33).

Como metodologia de ensino, as atividades educativas escolares trazem os cânticos para que os alunos conheçam as letras escritas nas duas línguas, materna

e portuguesa, aprendam o significado de cada cântico e aprendam a cantar. Pretende-se envolver a comunidade nestas atividades.

É considerado tradicional os cânticos que perpetuam uma determinada cultura, alguns povos, devido o contato com a cultura ocidental e principalmente por frentes religiosas, que forçaram não praticarem seus cânticos e práticas culturais, por serem vistas como algo negativo e inculcaram essa negatividade nestes povos. Esses contatos com frentes religiosas ocorridos no passado e não deixado de ser praticado no presente, e não aceitar que existe outra maneira de ser e estar no mundo.

Alguns povos, assim como os Munduruku da Terra Indígena Apiaká/Kayabi, quando se distanciam do seu grande grupo, deixaram de praticar seus cânticos, correndo também o risco de esquecimento, sendo necessário fazer o movimento de revitalização desses cânticos, quando se considera importante para fortalecer sua cultura.

Os cânticos muitas vezes são acompanhados por instrumentos, adereços e pinturas corporais, no Pará onde vivi minha infância os cânticos eram realizados ao som de uma flauta e se tomava muito uma bebida típica de nosso povo chamada caxiri. Muita coisa mudou e nos dias de hoje tomamos muito pouco, esta bebida é muito presente nas comunidades Munduruku do Pará, acontecem muitas festividades, inclusive meu pai era uma das pessoas que organizava as festas na comunidade que morávamos, pois mesmo eu fazia parte das rodas de danças e cânticos, esses cânticos eram ensinados pelos anciãos e toda a comunidade participava, envolvendo a participação de homens, mulheres, jovens e crianças.

Podemos dizer que o contato com a energia elétrica proporcionou essa mudança nas vidas do nosso grupo de Munduruku, por mais que no estado do Pará nosso povo vivem na fronteira cultural, por não serem isolados da sociedade ocidental e demais grupos étnicos, para estes que aqui se encontram, são um pequeno grupo diante da população Munduruku existente no Pará e Amazonas, talvez estejam mais no campo da fronteira, conforme Canclini (1997, p.348) menciona,

[...] hoje todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes: o artesanato migra do campo para a cidade; os filmes, os vídeos e canções que narram acontecimentos de um povo são intercambiados com outros. Assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento.

No que diz respeito ao conhecimento diante da fronteira que se encontra os Munduruku, realmente passam a conhecer outros saberes, isto não considero prejudicial conhecer os saberes dos não indígenas, é importante conhecer e manter os elementos tradicionais para a cultura, mesmo que sejam resignificadas, porém não devam cair no esquecimento

Nos rituais de pajelança tem os cânticos, rituais de cura, que dependendo do caso são cantados somente nos rituais de cura, pode usar cântico para sair à caçadas e pescarias, nos rituais e festas são importantes para a cultura Munduruku. Na comunidade Nova Munduruku estamos fazendo o trabalho de revitalização dos cânticos, mas sabemos o cântico da arara, do milho, jabuti, do pajé e Tawé.

Com a vinda de duas famílias do Pará em 2018 está sendo feito um trabalho na escola e fora da escola com as novas gerações para que aprendam sobre a importância dos cânticos, a representação que tem cada um. E esse ensinamento dos cânticos foi algo apreciado pela comunidade, por gostarem de cantar, a musicalidade está presente desde à ancestralidade.

A música é um certo gosto por um padrão estético expresso por adornos e pinturas corporais que sempre fizeram parte do mundo Munduruku. Esse modo de viver a vida faz parte do cotidiano Munduruku, embora as práticas sociais tenham se transformado de certa forma. Os complexos rituais, atualmente, parecem ter sido substituídos por grandes reuniões, encontros e assembleias que reúnem uma série de aldeias e comunidades indígenas. (MELLO & VILLA NUEVA, 2008, p.96).

Nesse sentido, o autor nos diz que a música sempre esteve presente na cultura Munduruku, assim como os adornos e as pinturas. E que esses rituais foram trocados por grandes reuniões que reúnem várias etnias. Para ensinar os cânticos a jovens e crianças, é preciso que o professor peça para ouvirem e depois repetirem. É importante levar para sala de aula e buscar ensinar o cântico, sua escrita na língua materna e na língua portuguesa. Ser uma prática desde os primeiros anos da educação básica para fortalecer a língua materna e o bilinguismo.

Trabalhar os cânticos nas aulas de língua materna por meio de uma metodologia de fortalecimento étnico, além de aprender ler, escrever e falar também é um resgate cultural dos cânticos Munduruku que foram esquecidos com o passar dos anos.

É importante a política interna na aldeia tendo a escola como lugar para este resgate dos cânticos e fortalecimento da nossa língua materna. Os cânticos dentro dos costumes Munduruku tem sua importância, significados, temos cânticos para receber visita para demonstrar nossa alegria por estar recebendo em nossa aldeia, cântico que conta a história do surgimento do povo Munduruku, cântico de guerras ancestrais, cânticos da colheita do milho, sobre o voo das araras, do Tawé que é o macaco prego, da caça, da colheita da mandioca, do jabuti que leva para o não indígena comer e o cântico do pajé.

Os cantos são também canais pedagógicos para essa comunidade e para a luta pelos direitos coletivos dos povos tradicionais. Os cantos funcionam para comemorar e traduzir fatos históricos, pontos geográficos, animais das florestas e a vida indígena, em sua essência. Os cantos são praticados por pessoas de todas as idades: da criança ao ancião. Podemos observar que os cantos falam dos pássaros, da dor, do sofrimento, dos louvores à espiritualidade e dos ritos, comemorando os momentos mais importantes dos povos, como festas, aniversários, casamentos, mutirões, colheitas e caçadas.

Nesta pesquisa, quero buscar reflexões da dimensão pedagógica dos cantos, trabalhando em sala de aula como conteúdo rico de sabedoria tradicional, buscar criatividade e metodologia de ensino para que os/as alunos/as aprendam a ler, escrever, falar por meio dos cânticos. Nas aulas, pretendo trazer a comunidade para a sala, ter a participação das pessoas, valorizando os anciãos, adultos, para termos uma resistência e fortalecimento linguístico.

A língua Munduruku é complexa, possui um vocabulário vasto e rica fonética, fonologia, morfologia e sintaxe. Portanto, não procede à afirmação de que a nossa língua seja inferior à língua portuguesa ou à qualquer outra. Uma das responsabilidades do professor de línguas é não só conhecer à existência da língua, bem como tentar amenizar o preconceito linguístico e buscar o fortalecimento da língua materna.

O propósito do RCNEI seria o de, pelo menos no cenário escolar, fazer da língua indígena uma língua privilegiada, que o professor utilizaria para ensinar disciplinas, corrigir exercícios, conversar com os alunos, dando à língua em questão uma função social, para que os indígenas pudessem perceber que sua língua é tão importante quanto à língua portuguesa que é a dominante no Brasil. A escolarização pode ser um meio de preservação ou de repressão linguística, tudo depende do grau de comprometimento, e preparação dos alfabetizadores que trabalhem com ela. Se bem utilizada na sala de aula, a língua indígena poderá sofrer um processo de revitalização formando possíveis novos falantes a cada aula, porém a mesma sala de aula poderá a ser um objeto de opressão da língua se professores e alunos juntos não dialogarem ou esquecerem a língua indígena dando oportunidade apenas a língua portuguesa.

Considerações Finais

Podemos dizer que cada povo tem sua cultura, seus costumes, suas crenças, religião e saberes que devem ser respeitados por todos. Neste sentido, abordamos o cântico tradicional como fortalecimento cultural e linguístico do Povo Munduruku. Trazemos uma discussão sobre o cântico como patrimônio cultural, merecedor de valorização e concluímos que o contato do Povo Munduruku do Pará foi de suma importância, foi através dos conhecimentos e saberes dessas duas famílias que nos animou a buscar praticar mais os cânticos. Essa discussão dos cânticos como fortalecimento cultural e linguístico pode vir a contribuir com a universidade e a sociedade em geral.

Quando falamos nos povos indígenas, muitas pessoas acabam criticando e tendo muitas visões distorcidas, pensam que não precisam trabalhar e que são amparados pelos órgãos governamentais, mais só quem vive e convive no cotidiano indígena, é que sabe que os povos indígenas ao longo de muitos anos vêm lutando pelos seus direitos, merecedores de suas lutas. Foram os não indígenas que se inseriram nas vidas das populações indígenas e fizeram com que muitas dessas populações perdessem sua cultura e seus saberes, inserindo os saberes não

indígenas e a opressão do capitalismo, afetando a língua materna e seus costumes. Mas, mesmo com todas essas mudanças, os indígenas buscam meios de resgatarem sua cultura.

Culturalmente os cânticos estão presente em quase tudo que fazem, nas plantações, nas colheitas, nas guerras em tempos remotos, nos momentos de diversão, nos momentos de pajelança, enfim, estão inseridos nos saberes do povo Munduruku. O cântico não é só diversão, é muito mais que isso, é um momento onde expressam os conhecimentos, os saberes e crenças, demonstram um pouco das suas tristezas e alegrias, refletem sobre os seres cósmicos, enfim, é um momento onde os mais velhos repassam seus conhecimentos para os mais novos. Neste texto defendo a ideia do aprendizado dos cânticos na oralidade e na escrita da língua materna e português é necessário.

Referências

BRASIL **Constituição da federativa do Brasil república**. Brasília: Centro Gráfico do Estado Federal, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. Secretaria de educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 2005. BRASIL. Constituição, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Congresso Nacional, 1996.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997.

MELO, Juliana; VILLANUEVA, Rosa Elisa. **Levantamento Etnoecológico Munduruku: Terra Indígena Munduruku**. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 2008.

Recebido: 17/10/2021

Aprovado: 30/11/2021

Publicado: 30/01/2021